

Não, estabeleço alguns limites.

Chesterton dizia muito justamente que gostaria muito de admitir violações às leis desconhecidas, já que por definição as ignorava, mas que era muito cético no que dizia respeito à violação das leis que conhecia. E citava este excelente exemplo:

“Se me dissessem que Gladstone, no seu leito de morte, fora perseguido pelo fantasma de Disraeli, acreditaria piamente: trata-se, neste caso, de leis desconhecidas. No entanto, se me dissessem que Gladstone, recebido em seu quarto pela rainha Vitória, estava com um charuto na boca e cuspira no chão, não acreditaria de jeito algum. Exatamente porque isto viola leis que conheço muito bem.”

Mesmo nas leis do desconhecido, creio que devemos colocar algumas barreiras de proteção. Como exemplo, contarei uma estória na qual não acredito, embora conheça pessoas que acreditam. O fato aconteceu recentemente em São Paulo.

Uma moça encontra um rapaz num baile. Ao saírem, como estivesse fresco, o rapaz coloca seu capote nas suas costas, dizendo:

“Isto me dará um excelente pretexto para tornar a vê-la.”

Mas ele não aparece. O capote tem um endereço. A moça vai até lá e encontra uma senhora que lhe diz:

“Este capote é de meu filho que morreu há dois anos.” E mostra um retrato que a moça reconhece.

Pois bem, não acredito nisto.

Podem me perguntar:

“Mas então, como explica os fatos?”

Minha explicação é muito simples.

O rapaz em questão é um ladrão que roubou o capote, e que não voltou porque estava na cadeia ou fora morto por alguém do seu meio.

Quanto ao fato da moça tê-lo reconhecido, explica-se simplesmente pela constatação de que todos os bonitos rapazes brasileiros, do tipo gigolô, com bigode em formato de guidão de bicicleta, se parecem.

Acham esta explicação prosaica demais? Sinto muito. Contudo, meu objetivo não é fazer sensacionalismo pelo sensacionalismo. Meu objetivo, neste livro, é encontrar fatos que permitam a formulação de hipóteses que vão além daquilo que sabemos e, eventualmente, conduzam a pesquisas. Estas hipóteses, escolhidas, entre outras, por serem estimulantes para o espírito e por propiciarem sonhos. A meu ver, a ciência não deve, de modo algum, ser separada do sonho e do fantástico. Só que, como a mistura da ciência com o sonho é explosiva, ela deve ser manuseada com precaução. E é isto o que tentarei fazer.

Acontece, muitas vezes, que o fantástico pode ser esclarecido por uma outra coisa fantástica. Foi assim que o mistério do navio *Mary Celeste*, encontrado abandonado no século XIX por toda a tripulação e com os barcos salva-vidas em seus lugares, foi explicado, no século XX, pelo escritor inglês Eric Frank Russel a partir de um mistério mais recente, o de Pont-Saint-Esprit. Nessa cidade francesa, as pessoas ficavam loucas após horríveis alucinações. Descobriu-se que isto fora devido ao pão que continha um parasita denominado esporão do centeio. Este parasita contém um alucinógeno. Ora, Eric Frank Russel afirmou que, em Gibraltar, o fornecedor do *Mary Celeste* vendera-lhe pão estragado que continha esporão de centeio. Esse fornecedor foi condenado. A tripulação do *Mary Celeste* ficou toda louca e atirou-se ao mar. E a explicação de um mistério como este de Pont-Saint-Esprit pode ser aplicado a outros mistérios. Este é o método que pretendo usar neste livro.